

## **DINA SALÚSTIO: Mulher, Caboverdiana, Escritora**

Olímpia Maria dos Santos<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo destacar a importância da literatura de Dina Salústio, no contexto de produção. Aponta os lugares, criticamente, demarcados por sua escritura: a vivência, como mulher e negra, num país colonizado. Ao retomar essas questões, historicamente, construídas, a escritora pretende provocar reconhecimentos que permitam reconstruir essa mesma história, com mais justiça e beleza.

**Palavras-chave:** Mulher. Caboverdiana. Escritora.

## **DINA SALÚSTIO: Woman, Cape Verdean, Writer**

### **Abstract**

This article aims to highlight the literature of Dina Salústio, in the context of production. They point to the places, critically, demarcated by their writing: an experience, as a woman and a black woman, in a colonized country. The reimpression the issues, historically, construed, the writer applied the recognition the reconfort the same, with a justice and beauty.

**Keywords:** Woman. Cape Verdean. Writer.

---

<sup>1</sup>Mestre em Literatura Portuguesa, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Centro de Ensino Superior de Valença, RJ e do Centro Universitário Geraldo Di Biasi, Volta Redonda, RJ.

Tanto se escreve, tanto se diz  
Mulher, mulher, mulher  
Que pensas tu de ti mesma? (...)  
Levanta-te  
de frente erguida  
Vem mostrar  
a tua coragem  
a tua dignidade  
o teu valor!

(Eunice Borges)<sup>2</sup>

“Que pensas tu de ti mesma?” Essa pergunta pode suscitar um caudal de ensaios, monografias, trabalhos, enfim, diversas outros estudos. Existe esse “tu”? No caso feminino, é sempre reflexo de um imaginário construído sob o perfil masculino? É possível libertar-se desse padrão instituído pelo homem? No caso específico das mulheres, foram se fazendo perguntas, tecendo respostas e buscando caminhos. “Levanta-te!” Eis que surge o apelo viril (no sentido de vigoroso) de conclamação para que a mulher vá à luta. “Vem mostrar/a tua coragem/a tua dignidade/o teu valor!”, esses valores, entretanto, terão de ser buscados (ou já se encontram em vias de construção) com tanto mais tenacidade, quanto maior for a precariedade do lócus em que elas se encontram.

É intenção deste trabalho seguir pela linha de (des) construção de gênero, perpassada pelo discurso. O vocábulo gênero, neste trabalho, implica que “em vez de falar de sexo, [indicaremos que] a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção social e política; portanto, homens e mulheres são invenções, são construções.” ( COLLING, 1997, p. 135).

O *modus-vivendi* das mulheres é, desse modo, decorrência de construções socioeconômico-culturais. Logo, o modo de ser e de reagir femininos está preso às características do tempo e do lugar em que as mulheres estão inseridas. Não se trata de determinismo, até por que, se assim fosse, não haveria a possibilidade de mudanças. Trata-se, sobretudo, de uma questão dialética: as mulheres recebem influências de uma dada sociedade (em que se encontram) e influem sobre a mesma.

---

<sup>2</sup>Publicado na revista MUJER (OMCV, março 1984, p.15)

Podemos até formular o esquema: sociedade – mulheres – sociedade, numa contínua interação, conforme se pode depreender do texto apresentado a seguir: “Se, por um lado, ele tem a condição de enunciador (“emissor”) de um discurso específico, que manifestará suas escolhas, ao produzir esse discurso ele estará, na verdade, reelaborando a pluralidade de discursos que recebe – ou seja, estará na condição de enunciatário (“receptor”). Ele é, portanto, **enunciador/enunciatário.**” (BACCEGA, 1995, p. 58).

Nesse processo de interação, de influências recíprocas, assimilado em maior e/ou menor escala pelas mulheres, algumas contribuem para a permanência de determinado discurso/situação; outras dão sua parcela para a transformação.

Na intenção deste trabalho, está a análise do discurso feminino, como desconstrutor de gênero, traduzido na voz de Dina Salústio, em *Mornas eram as noites*. Nessa obra, veremos que, para além das idiossincrasias, particularidades, existe um aspecto universalizante, que permite às mulheres caboverdianas, retratadas no texto, andarem de braços dados com as mulheres de outras nações, de outras realidades.

Para melhor compreendermos o papel da mulher caboverdiana e a correlação com os textos de Dina Salústio, vamos excursionar brevemente pela história de Cabo Verde. A configuração e a localização geográfica do país – formado de dez ilhas- são determinantes do seu evoluir histórico. Colônia portuguesa desde 1464, pelas condições climáticas e pelas limitações de exploração econômica, muito cedo propiciou uma miscigenação com a Metrópole portuguesa. Porque as portuguesas se recusaram a emigrar para um país quente e seco, foram comuns as uniões entre homens portugueses e mulheres nativas, sendo que os filhos daí resultantes tiveram acesso à educação e alguns até a uma certa elite. Logo, o processo de marginalização e de aniquilamento da cultura local, não sofreu a intensidade de outras colônias como Angola e Moçambique.

Recorremos a Manuel Ferreira, quando diz: “Naturalmente porque ali fora possível criar uma sociedade mestiça, em regime de larga miscigenação e aculturação e, por outro lado, porque o homem crioulo, em relação à sua época, não apreendeu os complexos problemas das relações de produção, não alcançou, por isso, a consciencialização das injustiças sociais.” (1973, p. 180).

Um dos móveis da ocupação colonial era a exploração econômica, visando a lucros e benefícios para a Metrópole, o que não era tão favorável em Cabo Verde, porque o clima seco impedia maiores explorações nesse país. Restavam algumas fontes como a pesca e a produção do sal, mas os envolvidos no processo não eram propriamente o binômio colonizador (patrão) X colonizado (empregado), mas pessoas já aproximadas pela miscigenação étnica ocorrida. Como a polarização colonizado/colonizador acirrou-se, em grande parte, pelas relações de produção (um exemplo é a apropriação da mão-de-obra do negro como força de trabalho), em Cabo Verde, o problema não alcançou o grau de aviltamento das outras colônias, o que não significa a inexistência do problema, ao contrário, o colonialismo também deixou sequelas graves no país caboverdiano.

À época em que os ideais libertários começaram a ser propagados (os movimentos mais acirrados iniciaram-se em torno da década de 50), os caboverdianos desejavam adquirir uma voz que se fizesse representante de uma identidade local e não mais estrangeira, representada, principalmente, pelo colonizador português. Segundo, em se tratando de vozes femininas, a conquista era dupla: a do direito à voz e a do direito à identidade, quer como cabo-verdiana, quer como mulher.

A assunção de uma escrita que se pensa feminina é de contornos mais atuais. A preocupação das primeiras mulheres engajadas na luta (através da palavra) foi pela libertação da colônia, como seria de se esperar. O tema mais emergente era esse. O envolvimento nesse combate reivindicava o direito à aquisição da voz, com direitos de falar de sua cultura, de sua terra, de pinçar o papel, não mais com as letras que traduzissem a civilização portuguesa, mas com o som das mornas noites caboverdianas. Lutar para conseguir libertar-se era o pressuposto, um caminho primeiro, para que pudessem falar de si depois: “Não me cobres / histórias de adormecer / quando o obus / rebenta no quintal.”<sup>3</sup> Não se podia cobrar das mulheres uma individualização quando o sonho coletivo ocupava todo o espaço. O exemplo dado, de Ana de Santana, caracteriza uma situação muito mais dramática, que é o caso da guerra em Angola. Nós o tomamos na medida em que a luta pela voz feminina não poderia anteceder o anseio de uma conquista de voz coletiva.

---

<sup>3</sup>SANTANA, Ana de. Sabores, Odores e Sonhos. Luanda: UEA, 1985, p. 15.

Em se tratando de mulheres, de maneira geral, elas são o “produto” de uma representação cultural dominada pelo homem. Dentro desse contexto, para que pudessem operar a construção de sua identidade, primeiro tinham de desmanchar todo um protótipo tecido sob o olhar masculino, tarefa nada fácil, se pensarmos que a mulher aprendeu a ver sob a ótica do homem: “É necessária e urgente a transgressão da ordem, ordem esta constituída pelos homens, que atribuíam ao masculino o direito de definir o feminino.” (COLLING, 1997, p.127).

O “avesso” da situação operar-se-ia obrigatoriamente pelo veio do discurso. Conforme já dissemos, é na linha dessa (des) construção do discurso da escrita da mulher, que vamos alinhar nossas análises. Vejamos um pequeno trecho de uma entrevista de Paula Tavares: “A situação da mulher ainda é uma situação particular, que ainda tem uma série de problemas por resolver. Claro que hoje já há situações novas, hoje não se põe só o problema da mulher tradicional, que é trocada por um boi... Mas põem-se outros: a mulher continua a ser uma poderosa fonte de trabalho, força produtiva...” (LABAN. 1999, p.858-859).

Quando se fala na mulher como força de trabalho, de maneira geral, ela não tem seu esforço reconhecido. Conquanto seja parte importante no sustento e/ou manutenção do lar, acaba ficando marginalizada, sem reconhecimento pelo que faz. Seguiremos pela linha dos discursos implícitos e explícitos, no que tange ao comportamento da mulher, enquanto manifestação de representações construídas no social. Os primeiros – os implícitos – serão tangenciados, enquanto incorporados pelo sujeito (no caso a mulher), naturalmente, como prática comum numa determinada comunidade. Os segundos espelharão a reflexão e/ou desejo de mudança em cima dessas práticas.

Vamos incursionar por alguns trechos dos contos de *Mornas eram as noites*<sup>4</sup>, de Dina Salústio, onde estas afirmativas possam ser comprovadas. “Disseram-lhe que tinha perdido a virgindade, mas nunca chegou a saber o que aquilo era.” (p. 6) Ironicamente, a narradora questiona valores impostos e o grau de significância deles numa dada comunidade. Assim, naquele contexto rude em que “... quando nasce uma menina, ela já é mulher” (GOMES, Simone Caputo. Mulher com paisagem ao fundo: Dina Salústio apresenta Cabo Verde. Apostila distribuída no Curso de Mestrado,

---

<sup>4</sup>SALÚSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1994. Todas as citações serão tiradas desta obra, indicando-se somente a página.

Literatura Portuguesa – 2000, p. 2), em que o peso do trabalho é atrofiante, em que ser virgem e/ou não alteraria a vida daquela mulher? O tabu da virgindade ganha contornos irônicos nesse contexto em que se luta, fundamentalmente, pela sobrevivência. A cumplicidade entre personagem e narradora de “...partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais” (p. 6), num desabafo de desejo contido e acalentado há muitos natais, traduz a intensidade do sofrimento e, conseqüentemente, do anseio de liberdade.

O discurso protagonizado pela narradora (como pelas outras personagens, uma vez que não há monopólio da palavra) faz-se representante das outras mulheres, seguindo linha contrária à realidade vivenciada. A narradora reveste-se do direito de apontar caminhos outros que os experimentados e fá-lo de forma enfática, usando verbos no imperativo: “Arranja força, sacode o mau olhado ou seja que diabo for, mas vive...” ( p. 7) A voz enunciadora transfere esta fala a uma personagem que dialoga com Elsa, mas pode-se dizer que esta é um duplo da narradora, por meio da qual aquela propaga a sua ideologia: “De repente eu percebi que ela era uma mulher vencedora porque enfrentava com garra todas as situações, mesmo que a situação se chamasse Deus. Encostei-me a mim mesma gozando o prazer da descoberta.” (p. 8) Quer dizer, gozando o prazer daquilo que ela (narradora) também era, enfrentadora de situações, criadora de caminhos outros. Não situa o obstáculo no próprio obstáculo, mas na forma como é encarado. E não coloca limites nesse enfrentamento, arrostando, corajosamente, a autoridade patrilinear. “...tens que incomodar, mostrar que existes, perturbar, brigar com o mundo e contigo.” (p. 8) Subverte a ordem vigente e se quer agente do seu destino.

O discurso é tanto mais enfático, que ecoa como um grito – *A oportunidade do grito* –, explosão de uma caótica realidade, que, por não caber mais em si, transcende o espaço interno. As mulheres precisam aprender a reagir às situações erradas, simbolizadas em dar “trochadas” para não as levarem. Sair do compasso de espera, da reza, da oração e ir para o da ação: “E como é que rezas?” (p. 8) A conjunção conformativa define o posicionamento da narradora (lembrando que ela se espelha na personagem). Por influência da colonização, as mulheres carregam o ranço de uma cultura religiosa indutora de uma atitude contemplativa – resignação e obediência – e, já agora, contestada. Semanticamente, a questão do enfrentamento aparece reduplicada em uma série de palavras: derrubar, largar, sacudir, arranjar, gritar,

incomodar, mostrar, perturbar, brigar, grunhir, discutir, enfrentar. O discurso compreendido caminha na contramão da realidade estabelecida, através da proposição de ações vibrantes, dinâmicas e até agressivas, como ênfase da urgência do que se tem a fazer.

É curioso notar no conto “A oportunidade do grito” que a problemática desencadeadora do veemente discurso da vencedora não é especificada, apenas é abordada de leve: “Elsa pareceu-me triste...” (p.7). Entretanto, é o bastante para fazer jorrar o grito de protesto represado na garganta “...qualquer coisa parecida com um pingo de desgosto.” (p. 7) Um pingo a fazer desembocar uma enxurrada de insatisfação que não aceita o marasmo diante da vida. A palavra vida emerge viva, como um apelo: “Viva a vida!” Viva, no sentido pleno do verbo, ainda que as circunstâncias não possibilitem a exaltação de exclamar “Viva! ”. Não há nenhuma alienação ou qualquer eufemismo em relação à dureza da vida. A aridez dos dias aparece explícita: “A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima.” (p.5) O limite de suportaçãõ é evidenciado pelo abalo do todo, simbolizado nas três partes componentes do corpo: cabeça, tronco e membros. É como se chegado o momento da saturação, fosse preciso forjar a saída. E da mesma maneira que o presente é a resultante de um processo histórico, também o futuro pode ser construído. Não por Deus e nem na atitude de contemplação, de espera, mas “colocando pedras nos alicerces do mundo”.<sup>5</sup> E, exatamente, porque a narradora tem consciência plena do seu tempo e conhece a seca da vida, é que se pode dizer que o seu discurso é encharcado de esperança. O discurso de Dina faz-se de uma mulher para outras mulheres. E alerta que nenhuma mudança haverá se as mulheres não a provocarem.

Em “Liberdade adiada”, subjaz uma desistência também adiada: jogar-se no precipício (a liberdade seria escapar da vida, mas outras vidas que precisam dela falam mais alto). No ápice da capacidade de suportaçãõ da dor, denúncia da dureza da vida, numa comunidade onde a mulher é o sustentáculo econômico do lar, houve e ouve o apelo último de sua condição de mãe. Não a um apelo primeiro, mitificado, de mãe-pura e renunciadora, imposição de uma moral religiosa, que estereotipa todas as mães: “Nas sociedades fascistas, especialmente, a superposição mulher-mãe-

---

<sup>5</sup>NETO, Agostinho. Confiança. In: Sagrada Esperança.7. ed. Angola: União dos Escritores Angolanos, 1995, p. 35.

virgem tem sido frequentemente reforçada como um dos mecanismos de repressão do feminino.” (GOMES, 2000, p.121). No caso, há a recusa desses estereótipos: “Imaginou os filhos que aguardavam e que já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava!” (p. 5) Questiona essa maternidade, que a sobrecarrega de trabalho, que lhe rouba o viço da juventude. Conscientemente decide ficar, porque se descobre amante dos filhos e não porque os isenta dos problemas que lhe causavam. Ama-os, apesar de a esgotarem e decide, por ela, ficar. Mais uma vez se corrobora o seu discurso de esperança: “Esquece-se o deserto, a solidão e a sede e os homens e as mulheres milagrosamente reinventam ilhas para além do mundo, com as pedras das rochas nuas, o sal da água azul, o sol do céu vermelho, o querer dos desejos queridos.” (SALÚSTIO, 1993, p. 10) A esperança é tanto mais intensa, quanto mais intenso é o drama vivido no dia a dia e enfrentado, principalmente pelas mulheres.

Conquanto opere contra um modelo construído de mulher-mãe, é consciente dos problemas sociais em relação às crianças e a favor delas levanta a sua bandeira. Assume uma posição, até um certo ponto, contra-ideológica, ao menos na relação com o leitor. Exemplifiquemos com o conto “Ele queria tão pouco” (p. 23). É a história de um menino que furta um rádio e, ao ser descoberto, além de devolvê-lo, é castigado. Ela está ciente de que o menino “cometia uma infração” (p. 24), mas compreende-lhe o ato, como uma decorrência natural da vida que levava e embora não pudesse impedir o castigo, sofre junto com o menino. Perante as autoridades, mantém uma postura que é modificada no trato com o leitor a quem confessa: “Depois foi o castigo. Mas esse não doeu tanto. A nenhum dos dois.” (p. 25) o castigo doído não é o físico; é o da injustiça, é o da castração do direito de ser criança, compartilhado por ambos. As crianças são vítimas de uma sociedade violenta e a educação não dá conta de transformá-las: “O Lar abrigava adolescentes, sem família e sem casa, que acabavam por o abandonar, passado algum tempo, preferindo andar pelas ruas, nas companhias não impostas.” (p. 25) A temática da criança abandonada é retomada em outros contos, o que enfatiza o comprometimento da narradora com a questão. A voz enunciativa faz-se porta-voz das minorias; não se cala perante a exclusão sofrida por crianças, mulheres, prostitutas. É como se no trato com aquela terra dura, árida, sem água, houvesse necessidade de complacência para com todos os tipos, sem, no entanto, induzir à resignação. Ao contrário, a oportunidade de ver-se e sentir-se, equivaleria a maiores chances de ultrapassar-se. A palavra de Dina possibilita às

mulheres conhecerem-se a si mesmas e ao processo histórico do meio a que pertencem. O seu texto pressupõe um dialogismo, um *tête-à-tête*, coisa assim de conversa descontraída, mas com reflexões profundas.

A começar do título *Mornas eram as noites*, a autora se apropria de algo bem familiar ao caboverdiano: a morna, música característica das ilhas, de onde se infere uma sugestividade de assuntos próximos e conhecidos. Os temas em discussão soam a algo assim entretecido à luz do luar, nos quintais. Nada de grandes requintes sintáticos ou léxicos. Não é uma palavra pedante, além do alcance dos circunstantes/ouvintes. É uma palavra que se quer entendida, reforçada na cumplicidade emissor/receptor, através do uso de um campo semântico comum. Usa uma linguagem simples, conhecida, entremeada, às vezes, do falar local: o crioulo. Ao optar por uma palavra metaforizada em morna, isto é, envolvente e assimilativa, a narradora corrobora um pacto de comprometimento com o seu tempo e a sua gente. Vejamos o que a morna significa para o caboverdiano: “O Caboverdiano tem na morna o expoente máximo da sua sensibilidade. Através dela o crioulo exprime a saudade do que deixou, do que não viveu, do que desejaria ter vivido e ainda de tudo o mais quanto nos estratos profundos do seu subconsciente se agita e desencadeia, em torrente lírica.” (FERREIRA, 1973, p. 166).

“...expoente máximo da sua sensibilidade”, quer dizer, pela morna chega-se ao âmago desse nativo, consegue-se estabelecer contato. E esse fio, através dos contos, tece-se por uma série de fatos que constituem a problemática cotidiana das caboverdianas. A matéria prima de Dina é a lenha e o lume, a rotina de manter aceso o fogo da comida pouca e da água minguada. A morna é a alma do caboverdiano. A narradora vai à alma das mulheres. Também não se pense que por ser a escritura de Dina cheia de oralidade, seja desvestida de esteticidade e de lirismo. Ao contrário, ao assenhorear-se dessa oralidade, traz para a escrita uma certa magia, característica dessa tipologia de textos. Sem intenção de aprofundar o assunto, mas apenas a título de ilustrar-lhes a riqueza, recorremos a Manuel Rui: “E agora o meu texto se ele trouxe a escrita? O meu texto tem que se manter assim oraturizado e oraturizante. Se eu perco a cosmicidade do rito perco a luta [...] eu não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade.” (Apud PADILHA, 1995, p. 5)

A identidade está presa a uma tradição que se mantém oralmente. Negá-la e seguir outros modelos seria reproduzir o padrão imposto pelo dominador, que não

traduz obviamente a realidade do colonizado, conquanto a tenha influenciado irreversivelmente para a construção de outra identidade. Apossemos-nos de alguns trechos em que essa *oralitura* transborda de lirismo:

Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, encharcar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças. (p. 5)

Deu-me um nó muito grande na garganta, por ver aquela imensidade de homem privado de uma coisa tão simples como a escrita... (p. 14)

Depois a rotina de vidas que se afastaram e, incompreensivelmente, continuam juntas. E, dramaticamente caminham juntas, num desafio permanente à vida, à morte, ao direito de viver. (p. 17)

Escuridão é, pode ser, uma onda imensa, onde, na crista ou nas entranhas negras, me confronto com um silêncio vazio e estranho. Dolorosamente vazio. Loucamente estranho. (p.22)

É um lirismo melancólico, sofrido, se assim se pode dizer. Um lirismo de um espectador em quem o saber tem o sabor de uma certa amargura. A voz que se expressa é angustiada por perceber que as mulheres não percebem o sistema em que estão inseridas, e, por isso, pouco ou nada fazem para mudar a situação. Então, ela se desloca do seu saber para o saber dessas mulheres e utilizando o saber destas, procura fazê-las chegar a outros saberes. Quase que como um recurso didático. E nós nos lembramos, neste momento, do que Leyla Perrone-Moisés diz a respeito de Roland Barthes, sobre *A Aula*: “O que se aprendia com Barthes não era um saber, mas um certo jeito de viver o saber: ‘Nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e o maior sabor possível’” (1983, p. 94)

Conquanto áspero e virulento em diversas circunstâncias, é um discurso que se faz sedutor e convidativo, na medida em que, usando a mesma matéria conhecida pelas leitoras (a morna), vai forjando outras formas (outros discursos). Como se lê em Antônio Cândido: “...é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo.” (2000, p. 25).

A palavra apresentada (nova) é tão-continuidade da outra palavra conhecida (velha) que o novo se insere, não como sugestão de uma terceira voz, mas como

desvelamento natural da voz que ouve. É no entrosamento, na aproximação que se insere a diferenciação. Ao se apropriar de um discurso conhecido pelas mulheres, nele se imiscui, para provocar discursos outros. A voz que fala, também deixa falar e, por vezes, se confunde com elas (“E porque não havia de gostar” - p. 28), o que reforça a sua inserção no cotidiano feminino e, acima de tudo, considera a multiplicidade de diferenças, não apenas entre as mulheres, como entre os seres humanos de maneira geral. Sob essa perspectiva, o texto abre-se também a outras lições: “Não nos educaram para corajosamente debatermos os nossos medos, falhas, hesitações, infernos. Apetrecharam-nos com o mito de supermachos e esperam que sejamos sempre vencedores, fazendo-nos inimigos da própria maneira de estar, escamoteando a verdade, falseando as fronteiras.” (p. 12).

Não é um discurso monopolizador e de mão única; é um discurso além da dicotomia mulher/homem, inscrevendo-se no espaço das dificuldades e das contradições de ambos. A voz enunciativa fala de histórias de outras mulheres e das suas, também. É uma mulher em meio a outras mulheres, capaz de compreendê-las em suas preocupações.

Os homens emigram, vão em busca de trabalho, rodam pelo mundo. As mulheres ficam presas ao cotidiano, tendo de cavar o pão e inventar o vinho. É esse corrosivo marasma do dia a dia, que Dina transporta para os seus contos (com sabor de crônica). Quase que poderíamos dizer que os seus textos são pespontados de agulha e linha. Ou tecidos na roca, se quiséssemos usar uma expressão de Eça de Queirós.<sup>6</sup> O universo em que as mulheres se inscrevem e circulam revela ainda uma prática, construída pelo discurso masculino: “... foi o discurso masculino que estabeleceu a inferioridade física e mental das mulheres, que definiu a partilha – ‘aos homens, a madeira e os metais, e às mulheres, a família e o tecido’” (PEDRO & GROSSI, 1998, p.28).

O trabalho associado ao lar é visto, de maneira geral, como não muito importante: fica em casa, não faz nada. Dina apresenta a mulher vista de dentro, por um olhar de mulher e os seus arrostamentos para vencer as dificuldades. E a desmitificação de que a vida da mulher é mais fácil e destituída de grandes responsabilidades. Corroboremos com o texto a seguir: “Sendo a base econômica de

---

<sup>6</sup> Expressão usada no conto *A Aia*. In: QUEIRÓS, Eça de. Contos. RJ: Ediouro [sd].

Cabo Verde eminentemente agrícola, torna-se fácil concluir da importância da mão-de-obra feminina nos campos. E mais. Ressaltamos o papel preponderante da mulher na construção, nas lutas de libertação e na emancipação do país.” (GOMES, 1998, p. 27).

As próprias mulheres internalizaram uma inferioridade em relação a elas mesmas. Por aí podemos concluir a força dos discursos, o que eles provocam, sem que as pessoas, necessariamente, se deem por isso. Essa dicotomia discurso/prática passa despercebida e acaba-se por aceitar o que se diz sem confrontá-lo com o que se faz. Lembramos aqui um outro conto de Dina: “O conhecimento em debate”. O texto apresenta a discussão entre duas mulheres, as quais argumentam se conhecer e/ou não a pessoa amada pode melhorar um relacionamento afetivo. Embora se trate de uma situação específica, creio que há um pequeno trecho que esclarece a necessidade do saber: “Conhecimento é transparência, nudez e crueza...” (p. 39). O saber traz discernimentos que impediriam muitos abusos cometidos.

Talvez seja necessário, nessa (des) construção de discursos, um esclarecimento trazido por Foucault: “Não se trata aqui de neutralizar o discurso, transformá-lo em signo de outra coisa e atravessar-lhe a espessura para encontrar o que permanece silenciosamente aquém dele, e sim, pelo contrário, mantê-lo em sua consistência, fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria.” (Apud PEDRO & GROSSI, 1998, p. 26).

Todo discurso há que ser analisado, levando-se em conta as estruturas socioeconômico-culturais em que se dá. Não existe neutralidade, os discursos refletem a forma de ver e/ou estar no mundo de alguém. O que muitas das vezes acontece é que nós os vamos incorporando, sem grandes questionamentos e sem analisarmos as suas consequências em nossas vidas. Só quando começam a extrapolar é que somos coagidos a buscar-lhes a origem e a justificativa.

No seu todo, o texto de Dina “mostra a consciência de sua fragmentação de mulher e a imposição de grilhões e linhas constrictivas que restringem a sua participação no palco do mundo.” (PADILHA, 1989, p. 216). Entendemos por fragmentação de mulher o fato de que a vida que elas levam não lhes permite uma exploração das potencialidades latentes a todos os seres humanos. O que vemos nas mulheres? Uma vida restrita às atividades caseiras, às dificuldades do dia a dia, sem que lhes sejam oferecidas condições de criarem mecanismos de as vencerem. Lemos

os textos de Dina como palavras a contribuírem para quebrar esses grilhões, ultrapassando as peculiaridades locais e inscrevendo-se no palco de tantas outras mulheres.

No tocante aos textos de Dina, pode-se dizer que ela procura apresentar um panorama da mulher caboverdiana sob um outro enfoque. Ela de dentro para fora, insulada nas suas ilhas, como se o espaço pequeno constringisse os seus sonhos. E então fosse preciso espriá-los pelo mar, pelas ondas, pelas águas. E curiosamente, atravessando terras e céus, esses sonhos encontram outros similares, de mulheres outras, de espaços diversos. Quer dizer, que para além da retratação da mulher caboverdiana, o que se inscreve no texto desta autora é "...a assunção de uma consciência da condição mulher e (n) a reavaliação da condição humana." (GOMES, 2000, p. 130). Não é uma visão que se quer manipuladora de um ponto de vista único; é o seu refletir sobre a realidade. É a consciência de um estar no mundo, querendo-lhe ser útil e contribuindo para a sua transformação, na operariedade dos discursos.

## Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso: História e Literatura**. São Paulo: Ática, 1995.

CÂNDIDO, Antonio. **A literatura e a vida social**. In: *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, p. 17-39, 2000.

COLLING, Ana Maria. **"O célebre fio partiu-se" – Foucault, a psicanálise e a história das mulheres**. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. V. 32 / 1, p. 125-158, março, 1997.

FERREIRA, Manuel. **A aventura crioula**. Lisboa: Plátano, 1973.

GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde: Mulher, Cultura, Literatura. In: **Revista Pré-textos**. Praia: Associação de Escritores cabo-verdianos, p. 27-35, 1998.

\_\_\_\_\_. A poesia africana de Língua Portuguesa. In: **Cadernos de Letras da UFF**. Niterói, RJ, vol. 2, n. 8, p. 61-72, 1993.

\_\_\_\_\_. **Mulher com Paisagem ao Fundo: Dina Salústio Apresenta Cabo Verde**. In: **SALGADO, Maria Teresa e SEPÚLVEDA, Maria do Carmo (org.). África & Brasil: Letras em Laços**. São Paulo: Atlântida Editora, p. 113-132, 2000.

\_\_\_\_\_. **Óleo sobre tela:** mulher com paisagem ao fundo (a prosa literária de autoria feminina em Cabo Verde ). *In:* A mulher na Literatura. Boletim do GT. Maceió: Edufal / ANPOLL, p. 128-136, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar PEDRO, Joana Maria. **Masculino, feminino, plural:** gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 1998, p. 21-41.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Uma cerimônia de iniciação:** a escrita feminina angolana após-75. *In:* 3º Seminário Nacional Mulher e Literatura. 4 a 6 de outubro – Cadernos (1). Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

PERRONE – MOISÉS, Leyla. **Roland Barthes.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SALÚSTIO, Dina. Cantar . ou chorar apenas. *In:* - **Revue noire:** Cabo Verde. Paris p. 10-25. 1993.

\_\_\_\_\_. **Mornas eram as noites.** Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1994.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **Introdução à Antologia do Mar na Poesia Africana.** Vol. I Angola. Rio: Faculdade de Letras-UFRJ, 1996.